

Os últimos dias de Sebastopol

(Condensação do livro do
mesmo título)

Por Boris Voyetkhev



DURANTE mais de oito meses, Sebastopol resistiu aos ataques de um formidável exército alemão, que tinha esperado tomar a cidade em uma ou duas semanas. O heroísmo dos seus defensores, tendo impedido os alemães de atingir Stalingrado e os campos petrolíferos do Cáucaso no verão de 1942, foi o maior obstáculo aos planos militares de Hitler, e um poderoso fator do desastre nazista de Stalingrado, em fins desse mesmo ano.

Boris Voyetkhev, jovem e brilhante escritor russo, chegou a bordo de um destróier à cidade sitiada, já nas últimas horas, que foram as supremas da histórica defesa. E o seu livro é um depoimento inestimável sobre um dos episódios mais sangrentos—e de maior repercussão—da segunda guerra mundial.

A NOITE caía rapidamente quando o nosso destróier, luzes apagadas, se aproximou subrepticamente de Sebastopol, cidade em ruínas. O farol do Quersoneso começou a lançar seu clarão—única luz que não estava permanentemente sujeita ao rigor do black-out. Tão depressa entrou, com grande risco, a mostrar-nos o caminho de entrada no porto, vimos de um lado e outro da torre o fogacho das granadas inimigas que explodiam...

A marinhagem sabia que aquele

A fotografia da estátua de Lênine, tombada entre as ruínas de Sebastopol, tem sido muito usada pelos alemães para fins de propaganda simbólica.

lampejo de luz familiar. Ihes não dava desta vez as boas-vindas a um repouso bem ganho e a um lar tranquilo; mas fulgurava, parecendo dizer: «Em breve cruzareis os umbrais de vossos lares em ruínas. Em breve sabereis a que os alemães reduziram a vossa cidade!»

Afrouxamos a marcha, e começamos a ziguezaguear ao longo dos canais de navegação do complicado campo de minas que os nazistas, ao começo do cerco, tinham espalhado em grande número à entrada do porto pejado de embarcações, ameaçando destruir um bom número destas. Muitos marinheiros russos tinham pulado por cima da borda dos seus barcos, para, nadando, empurrar as minas até junto das praias. Nessa arriscada operação de limpeza, muitas explodiram, pulverizando os corpos dos que, heroicamente, se tinham oferecido para abrir caminho aos navios que saíam, em busca de munições destinadas aos defensores de Sebastopol.

Quando por fim chegamos ao porto interior, diante de nós desenrolou-se o

panorama da cidade envolta em chamas e fumaça dos numerosos fogos provocados pelas bombas incendiárias alemãs. A faca dos fascistas ameaçava a garganta da infeliz cidade, enquanto nos céus se cruzavam os focos de centenas de projetores russos e alemães, como finas espadas de prata num duelo dos ares. As balas traçadoras teciam a mortífera rede da sua pirotécnica, e na calma superfície da baía refletia-se o inferno que raiava ao longo do litoral. Para a esquerda do molhe onde desembarcamos, as casernas e os armazens eram um grande braseiro. Vi um pano de parede, imenso, único resto isolado de um edifício, derrocar lentamente para dentro da água.

—Andamos com sorte, disse o capitão. —A noite está calma...

—Como será então isto quando a noite não está «calma»?... perguntei.

—Amanhã durante o dia você verá, replicou ele.

EFETUARAM-SE com incrível prontidão as operações de desembarque de nossos homens e munições, e embarque de feridos e evacuados da cidade. Pela minha parte eu tinha que ir em terra para me entender com o Almirantado, até onde me guiou um comissário político.

Para se entrar no Quartel-General da Marinha, o centro neurônico da defesa de Sebastopol, era preciso penetrar num tunel, que ia dar na empinada muralha de uma falésia. Lá dentro, um labirinto de estreitos corredores conduzia às entranhas profundas da rocha. A luz frouxa das raras lâmpadas elétricas permitia-nos tatear o caminho naquela escuridão. Sobre os sinuosos corredores abriam-se as portas de numerosos e exíguos compartimentos, onde tra-

balhava, vivia e lutava uma multidão enérgica e tensa. Colhiam-se à passagem retalhos de conversas telefônicas, o crepitar das máquinas de escrever, um que outro gemido dos feridos, as ordens breves dos comandantes, e o ressonar dos que dormiam...

Os rádio-telegrafistas ditavam mensagens urgentes. Apanhei no ar retalhos de frases deste gênero: «Guarnição do projetor O-24: iluminar a entrada da baía para um transporte que chega... As mulheres e crianças que seguiam num transporte torpedeado estão sendo recolhidas por navios de guerra... Os alemães estão bombardeando a baía. Instruções à 35ª bateria para atirar sobre eles...»

Essas câmaras subterrâneas tinham água encanada, rede de esgotos, restaurante, barbearia e muitos outros serviços, tudo escavado no âmago da rocha. Mas sentia-se a falta de ar. Quando os ventiladores emperravam, tornava-se difícil respirar. A maioria dos trabalhadores eram mulheres, e confrangia ver como labutavam sem descanso: pálidas, de olhos inflamados e encovados, assim as via, inclinadas sobre as máquinas de escrever ou agarradas aos telefones, arquejando com falta de ar. Quando, ocasionalmente, outras vinham substituí-las na tarefa, tomavam nos braços os filhos que dormiam alagados em suor, e iam pôr-se de pé nas trincheiras, lá fora, para respirar em fundas inalações o ar cortante do mar. Eram raros esses momentos de alívio, e ainda assim com frequência interrompidos pela explosão de bombas e obuses.

A concussão pavorosa das explosões chegava ao seio da rocha, abafando todas as vozes e sons; o bombardeio recommençava todos os dias regularmente

um pouco antes do amanhecer, e era tão pesado que aqui e além a rocha fendera, e parecia que, de um momento para outro, corredores, abrigos, salas de trabalho, derrocariam, enterrando viva toda aquela gente infatigavelmente entregue à sua faina.

DURANTE AS quatro horas seguintes não saí do quartel-general subterrâneo, e nada tive ocasião de ver do que se estava passando no exterior. Mas um oficial que andara lá por fora em serviço descreveu-me o estado da cidade.

«Não resta nada de Sebastopol. As casas estão todas destelhadas, e as ruas praticamente intransitáveis, devido às avalanches de entulho.»

Não havia setor da cidade, onde os instrumentos de morte não fossem senhores absolutos do terreno. Um só lugar não restava, imune às bombas, às minas terrestres, aos obuses. Tudo quanto desse sinais de vida ou movimento—canoas, automoveis, motocicletas—era seguido por olhos invisíveis, e atacado. As formações aéreas do inimigo esquadrihavam palmo a palmo o solo, a descobrir mulheres e crianças que por acaso se houvessem refugiado entre as rochas, esperando a sua vez de serem evacuadas. E se as lobrigavam, os explosivos de alta potência logo as inhumavam entre as ruínas à beira-mar.

Todos os dias os mergulhadores informavam um comissário especial do Almirantado sobre os materiais recuperados do fundo das águas do porto. Esses peritos em mistérios subaquáticos mergulhavam todas as noites e, lá em baixo, entre carcassas de navios e esqueletos de naufragos, carregavam as suas cestas com bombas e obuses que não tivessem explodido.

Aquele comissário era, ao que parece, insaciável! Passava cuidadosamente em revista os conhecimentos de carga que fora possível recolher, e teimava:

—Onde diacho estão estes seis motores de avião? Onde estão as compressas, o algodão, a lã, as drogas? Que demônio é que vocês estão fazendo lá em baixo? A jogar xadrês com os mortos?...

—É isso mesmo! replicava o mergulhador chefe. —E o camarada, o melhor que tem a fazer é dar um mergulho até lá em baixo, e verificar pelos seus próprios olhos e mãos: logo verá que é impossível arrancar dali aqueles motores. Estão no porão, debaixo de pilhas que metem medo, de cavalos e soldados mortos! Bolas... Não, não posso chegar lá, concluiu o homem após uma curta hesitação.

—E porque não?

—Há trinta anos que ando, neste ofício de mergulhador. Tenho visto lá por baixo coisas que deram cabo do juízo de tipos que trabalhavam ao meu lado. Mas entrar nessa cabine, de onde eu sei que, se abrir a porta, vem uma nuvem de cadáveres de crianças de encontro a mim... Não, não, isso eu não posso!

—Nesse caso,—disse o comissário—você vai fazer com que muitas crianças que ainda estão vivas morram à míngua de alimento e de remédios...

A discussão acabava sempre nessa aquiescência do mergulhador em ir cumprir as ordens. E na manhã seguinte os motores de avião eram transportados para o aeródromo, e as compressas e ligaduras estavam secando ao sol, e as granadas arrancadas ao fundo do porto se achavam a caminho das linhas inimigas—através dos ares de Sebastopol.

Todas as noites entravam no porto,

às escondidas, os navios que nos traziam reforços e abastecimentos, e que mais tarde saíam evacuando mulheres e crianças. Os alemães iluminavam as cenas de desembarque com foguetões de paraquedas, e holofotes, e logo abriam implacável bombardeio. O espetáculo era em geral indescritível: tanques de óleo em chamas, caixas de munição explodindo, choferes conduzindo caminhões sobrecarregados através de labaredas e fumaça, bombeiros a bater-se como leões para extinguir os incêndios.

E sempre o esforço incessante para manter o ritmo tremendo da carga e descarga. Mais depressa, sempre mais depressa! Ao amanhecer é preciso que todos os navios estejam longe dos cais! —Estavam em jogo vidas, interesses decisivos, e os processos empregados tinham que ser dos mais rudes... Entre os carregadores e estivadores havia certo número de presidiários. Um destes havia organizado um grupo de descontentes, que atrapavam o trabalho. Um oficial de ligações dirigiu-se um dia a ele, e disse-lhe: «Abra a boca e diga *ah!*» O homem abriu a boca, e apanhou um tiro que lhe espalhou os dentes por terra, de mistura com o cérebro e o sangue... Depois o oficial virou-se para o grupo, e exclamou: «Aquí eu quero que não se perca tempo!»

QUANDO, por fim, reuní a dose de coragem suficiente para sair de dia do abrigo subterrâneo do Almirantado, os nervos se me vergaram ante o pavor daquele panorama gigantesco. Os navios meio afundados, com a proa ou a popa emergindo e apontando para o ar, aprisionavam ainda a sua triste carga de foragidos da cidade. Uma escuna, completamente carregada, jazia adernada com os mastros estendidos por sobre a

água, em direção ao porto, como os braços de um afogado, cujo derradeiro impulso tivesse sido pedir socorro.

Os habitantes das casas mais chegadas ao mar, durante os raids aéreos, costumavam ir procurar refúgio na água, entre esses cascos de navios naufragados. Pareciam acreditar ingenuamente que as bombas, como o raio, não costumavam cair duas vezes no mesmo local... E os alemães, como para fazer-lhes sentir que aquilo era pura ilusão, bombardeavam os destroços.

Na cidade nem tempo havia para se fazerem funerais: os mortos eram enterrados sob uma leve camada de terra. No cimo de uma pequena elevação de terreno, li estas palavras, escritas sobre um pedaço de hélice de um avião estropiado: «Abram lugar, nessas covas, ó gente. Arredem-se vocês, veteranos da morte. Um recém-chegado vem juntar-se-lhes, para provar o amor que tem à guerra. Recebam-no em seus túmulos: ele bem o merece.»

Na sua furiosa pesquisa de reservatórios ocultos de combustível, os alemães tinham revolvido completamente um cemitério. Os restos mortais dos soldados da Guerra da Criméia andavam por alí espalhados, e muito sangue fresco viera misturar-se-lhes às cinzas, refrescá-las... Logo para trás do cemitério estava uma zona tão rigorosamente bombardeada, que era impossível dizer agora onde tinham sido as ruas e onde as casas. Aquí e alí viam-se crateras de bombas cheias de água ensanguentada, na qual flutuavam mãos, membros destroçados, restos de crianças...

Tive a surpresa de ver, nessa mesma zona de horror e devastação, uma mulher ainda jovem e modestamente vestida, que procurava o seu caminho entre as

ruínas, levando um braçado de flores colhidas de fresco. Descia por onde tinham sido as ruas, hoje montes de ruínas, erguendo, intrépida, a cabeça. Todos os dias (assim me disseram) ela atravessava as ruínas de Sebastopol, para ir levar flores ao cemitério onde jazia o marido, homem venerado entre os defensores da cidade pelo seu heroísmo. Todos os conselhos e admoestações para que se afastasse com os demais refugiados a encontravam inabalável: «Ficarei aqui onde jaz meu marido.» Os combatentes orgulhavam-se dela, da sua decisão—lisonjeava-os o fato de que, ao lado deles, se erguia essa mulher russa, modesta e silenciosa, cujo amor era tão fervente e digno de respeitar.

AS FOTOGRAFIAS de reconhecimento aéreo provavam conclusivamente ao comando alemão que Sebastopol, como cidade, tinha deixado de existir. Os nazistas prometeram aos seus soldados que daí a dois dias eles se estariam banhando nas águas azues da baía, e depois disso lhes seria concedida licença prolongada.

Sem embargo, a cidade sobreviveu. Ardendo em energia e ódio, agarrava-se à terra com as gengivas sangrando. Privada de vida acima do nível do chão, Sebastopol continuou a sua existência de luta em porões, pedreiras abandonadas, e abrigos escavados no solo.

Visitei um dia uma fábrica de minas explosivas que era bem um exemplo desse espírito. Lá dentro, o ruído era inacreditável. A vasta cava estava dividida por pesados biombos de metal, por trás dos quais zumbiam e rangiam centenaes de tornos. Um motor de trator, trovejante, soprava e fumegava como um velho samovar desarranjado,

gerando eletricidade. Quando parava, as luzes se apagavam; imediatamente cada um dos operários acendia um cigarro, e a caverna luzia em centenas de clarões vermelhos, abafados. O acordo entre eles era que só fumariam quando o trabalho fosse suspenso devido à falta de força-motriz...

As máquinas funcionavam dia e noite, sem descanso. Toda a gente trabalhava. Na minha frente estava uma velhota, trabalhando numa máquina de cunhagem. Faltava-lhe a mão direita, que uma bomba lhe arrebatara... Saida do hospital, recusara deixar-se evacuar com os civís. Ao seu lado uma bela mulher, jovem, amamentava ao peito um bebê, enquanto dirigia uma broca mecânica. De vez em quando entoava um embalo, que a todos encantava.

Os operários dos outros turnos dormiam em tarimbas construídas em três renques ao longo das paredes, enterrados entre os seus objetos de uso pessoal e bagagens para as quais não havia lugar em mais parte alguma. Nas tarimbas inferiores, as crianças, pálidas e emaciadas, faziam jogos de guerra. As meninas embrulhavam granadas em retalhos de panos de cor, fazendo bonecas.

Mensageiros, chefes de seção, jornalistas, operadores de cine-jornal, todos passavam correndo pelos corredores abertos ao longo das tarimbas alinhadas. Ajoelhado em frente de uma pequena mesa, um engenheiro barbeava-se. O caixa pagava salários. A operadora de um quadro telefônico descansava tocando guitarra. Essa gente, e muita mais, alí vivia e trabalhava assim...

DA FRENTE de combate propriamente dita chegavam narrativas pavorosas e estranhas. Um dia um navio de

passageiros estava-se afundando no porto. Uma explosão no porão barrara a saída da sala do rancho, onde havia feridos gemendo por socorro. Da casa das máquinas escorria o óleo combustível, a arder, e ia-se infiltrar por sob a porta de entrada da referida sala... Não era possível estancá-lo! Vendo-se inundados por aquele mar de óleo em chamas, os feridos esforçavam-se por escapar através de vigias, que eram demasiado estreitas para a largura dos seus ombros. Desarmados, os infelizes nem sequer podiam pôr termo à vida com um-tiro! Do lado de fora, veio correndo aos trambolhões um marinheiro: viu através da vigia a cabeça de um camarada ferido, num desespero de sofrimento; o ferido suplicou-lhe que lhe acabasse com a vida, e o marinheiro fez-lhe a vontade—uma bala... Em seguida correu dali; já tinha feito quanto podia.

Da boca de um comandante dos fuzileiros navais ouvi esta história das linhas de batalha: «Em dezembro passado, quando capturaram a cota 615, os alemães pegaram os nossos fuzileiros navais que encontraram feridos, e dispuseram-nos em forma de cruz suástica. Em seguida regaram-nos com gasolina e largaram-lhes fogo... Durante toda aquela noite a chamejante astéria iluminou o vale!»

Ao DEALBAR do décimo-primeiro dia da quarta ofensiva alemã, os altofalantes de rádio, dispostos frente a frente, através da terra de ninguém, caíram no silêncio. Ambos os lados vinham usando aquele instrumento de propaganda, exprimindo-se cada um deles na língua do inimigo. Os locutores acabaram por se conhecer mutuamente bem, e verberavam em voz alta os deslizes do oponente, erros de técnica ou de gramática,

piadas sem graça, sinais de vinho a mais na voz...

As emissões de propaganda dos alemães dirigiam-se principalmente aos nossos fuzileiros navais, de quem o atacante tinha mais receio que de ninguém. Fechavam em geral as parlangas com uma frase deste gênero: «Acordem desse sonho de ópio da propaganda bolchevista. Fala-lhes um marinheiro alemão, que tem muito em comum com vocês. Se vocês amam o seu Mar Negro, venham para o nosso lado, e o Mar Negro continuará a pertencer-lhes. O nosso Fuehrer apreciará esse ato, e dará a cada um de vocês uma lancha a motor!» A resposta era sempre uma imensa e sonora gargalhada. Misturando-se ao ribombar da artilharia, ao crepitar da fuzilaria, esta risota ecoava por sobre as colinas e vales, enchendo a noite de sons espetrais.

Mas, nessa manhã do undécimo dia de ofensiva, qualquer coisa de notável se produziu nas trincheiras inimigas. Quando a emissão começou, ouvimos um solene cântico religioso, um coro imenso que se erguia de além do terreno pedregoso e amargo,—a voz dos romenos rezando, num desespero, pela vitória, de face virada para o sol que se erguia sobre as colinas da Criméia...

«Não deixa de ser engraçada a religião deles, camarada Comissário!» disse um soldado que, para o que desse e viesse, arrumava cuidadosamente as suas preciosas caixas de munição de reserva.

TORNOU-SE claro que o assalto já não podia tardar. Ao entrar num posto de observação, ouvi a voz de um chefe: «Hora zero... Aprontem-se para o fogo de vista!» Nesse mesmo instante vi os tanques inimigos a surdirem dos seus

esconderijos, para a esquerda do vale que se desenrolava em nossa frente, seguidos de soldados que corriam. Através do binóculo podia eu ver que estes vinham semi-nus, com as coronhas das carabinas automáticas apoiadas no tronco alagado em suor. Traziam as ventas atulhadas de algodão para não sentirem o fedor atrás a cadáver que pairava nos campos... Outros, via-se claramente, conduziam aparelhos de filmagem para documentar a batalha.

Mas de repente ficou tudo envolto em densa fumaça, e não me foi possível distinguir mais nada. Começamos a atirar às cegas sobre aquele terreno poeirento. As horas passaram. A batalha rugia. A percussão das explosões machucava-nos a cabeça, comprimia-nos os olhos e os tímpanos dos ouvidos, parecia espremer-nos o cérebro.

Os tanques da vanguarda inimiga atingiram a certa altura as primeiras linhas de trincheiras; mas alguma coisa os forçou ali a parar, e de repente deram meia volta brusca, esborrachando na marcha de recuo os corpos dos alemães e romenos que acabavam de cair mortos e feridos no assalto. Já então algumas das nossas baterias estavam reduzidas ao silêncio...

Senão quando os alemães desencadearam pelo ar um ataque decisivo. Nossos aviões eram um contra dez. O ataque de aviões de mergulho não é uma batalha, mas uma execução, um massacre, a supressão completa da terra em baixo, e dos homens que nela se encontram. Quando os aviões acabaram de devastar o terreno surgiram os tanques em nova avançada. Os homens que defendiam nossa segunda linha viram quanto acontecera: os seus camaradas da frente pulverizados, e diversas baterias dominadas; mas aguentaram firme.

Ninguém bateu em retirada, muito embora todos soubessem que bastariam mais dois ou três assaltos daquela ordem, e o inimigo penetraria nossas defesas.

O FINAL pertence à história, mas eu não estava presente para assistir, porque recebera ordem de evacuação a bordo do derradeiro submarino que largou de Sebastopol. Quando os alemães chegaram ao quarto setor de defesas, não encontraram por assim dizer resistência nenhuma. Tãopouco houve rendição; da divisão que estivera a cargo da defesa daquela parte das linhas, só restavam vivos 130 homens...

Os alemães avançavam, porem com medo até dos próprios cadáveres, que crivavam a golpes de baioneta, ou sobre os quais despejavam as cargas dos seus revólveres... E iam deslizando para a frente, ao abrigo de tanques ligeiros, em direção à Bateria Konstantinóvsky, cuja captura lhes daria o domínio completo do porto e do canal de acesso ao mar.

Os 130 sobreviventes tinham de há muito recebido ordem para abandonar suas posições: mas fizeram ouvidos de mercador. Escolheram então o seu setor mais estreito para resistir até à última, e defenderam-no tão resolutamente, que o inimigo foi forçado a fazer alto até que lhe chegassem reforços. Esses 130 homens lutaram pela vida dos seus camaradas feridos, que estavam sendo transportados em botes através da baía.

Os feridos, muitos deles num estado horroroso de mutilação, jaziam ao longo das praias, sofrendo, sem que fosse possível prestar-lhes os mais elementares socorros: estavam esgotadas as reservas de remédios, e até a água faltava... Nada se podia fazer para minorar-lhes as dores. E isso toda a gente c

sabia: tanto os médicos como eles próprios. E nem queixumes nem protesto havia! Sofriam e morriam sossegadamente. Eram as mulheres, jovens russas que vinham servindo no exército desde o começo da guerra, quem os transportava para bordo dos barcos; e quando estes eram atingidos pelo bombardeio incessante, ou nadavam arrastando-os consigo, ou se afogavam com eles...

Aqueles 130 homens que se batiam para que aquele cortejo de heroísmo e dor continuasse, sabiam bem o que as mulheres andavam realizando. Nem quando chegaram reforços, foram os alemães capazes de quebrar aquela derradeira linha de defesa, encarniçadamente disputada de parte a parte. Mas as fileiras de nossos fuzileiros navais foram rareando rapidamente, e quando chegou o minuto supremo do combate, restavam apenas 40 homens na defesa da Bateria Konstantinóvsky.

Durante três dias e três noites, esses quarenta homens aguentaram-se na posição, e no curso desses dias e dessas noites o ataque dos alemães não cessou por um momento sequer. Durante três dias e três noites esses soldados de marinha mantiveram fechadas as portas de Sebastopol, e só quando tinham queimado as munições até o último cartucho e a última granada, é que a resistência chegou ao termo no quarto setor de trincheiras. Nem uma só bateria caiu nas mãos do assaltante; uma a uma, à medida que se lhes esgotavam as munições ou que os canhões se inutiliza-

vam, os homens faziam-nas voar pelos ares, e desapareciam com elas. Tudo quanto pudesse ser de utilidade para o inimigo foi reduzido a estilhas.

POR OITO meses, essa praça, que não era vasta, e fora fortificada apenas em vista de possíveis ataques pelo mar, detivera e afrouxara o avanço de todo o exército alemão e romeno da Criméia em direção ao Cáucaso. Mas agora, sob o implacável e incessante avanço do rolo compressor do inimigo, a própria Sebastopol, ou o que dela restava: a sua alma—porque a cidade cessara de existir como tal, e se tornara uma lenda que já voava aos quatro cantos da Rússia—Sebastopol recuava com esses torturados, suarentos, ensanguentados e praguejantes marinheiros que, passo a passo, de peito voltado contra o inimigo, retiravam a caminho do último reduto da Criméia, o farol do Quersoneso.

Num porto da costa oriental do Mar Negro, observei a chegada de um dos últimos navios a deixar Sebastopol. Vinha desarvorado, a sua ponte fora arrancada pelas explosões de bombas, o seu costado era um crivo de granadas; mas nem assim os alemães tinham conseguido metê-lo no fundo. As primeiras palavras dos marinheiros feridos, ao chegarem a terra, foram estas: «Vamos de voltar a Sebastopol! Nós vimos apagam-se as luzes do Farol do Quersoneso, mas iremos acendê-las de novo por nossas mãos!»...



¶ A JUNTA de Educação Pública de Harrison, Nova Jersey, para economizar papel, que está escasseando, tomou a importante decisão de abolir os exames finais de ano.